



## **ANÁLISE COMPARADA DE ANA TERRA E UM CERTO CAPITÃO RODRIGO, NA INTERFACE DA LINGUAGEM LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA**

João Pedro de Carvalho Silvello<sup>1</sup>, Carla Rosane da Silva Tavares Alves<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Análise Literária. Cinema. História.

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O projeto de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e hermenêutico, intitulado *Literatura e cinema: análise comparada em Ana Terra e um Certo Capitão Rodrigo*, teve como *corpus* literário o romance *O Continente* – parte 1 (edição de 2004), de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, mais especificadamente seus capítulos “Ana Terra” e um “Um Certo Capitão Rodrigo”. O *corpus* cinematográfico foi constituído pelas películas cinematográficas: *Ana Terra* (1971), dirigido por Durval Gomes Garcia; *Um Certo Capitão Rodrigo* (1971), dirigido por Anselmo Duarte, e *O Tempo e o Vento* (2013), dirigido por Jaime Monjardim.

Como se percebeu durante a pesquisa, as linguagens literária e cinematográfica são diferentes entre si, ambas apresentam elementos que permitem construir uma narrativa de maneira envolvente, de forma a atrair o público alvo, uma vez que cada uma possui as suas características, conforme a tessitura que compõem, pois fazem parte de obras artísticas distintas.

### **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Utilizando-se de uma metodologia qualitativa, com abordagem hipotético-dedutiva, resgatou-se a imagem dos personagens Ana Terra e capitão Rodrigo Cambará, de *O Continente* e buscou-se compará-los com sua contraparte cinematográfica nas diferentes versões nas quais foram retratados. Os dois filmes de 1971 apresentam narrativas e personagens diferentes do que foi construído pelo autor literário.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

*O Tempo e o Vento* é o conjunto de três obras literárias escritas pelo escritor gaúcho Érico Veríssimo: “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago”, retratam a saga da família Terra-Cambará, tendo como pano de fundo a história do Rio Grande do Sul. O primeiro livro, lançado em 1949, *O Continente*, aborda desde os acontecimentos de pré-formação do estado do Rio Grande do Sul, até o final do século XIX.

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC/CNPq/Unicruz. Discente do curso de Pedagogia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: joao.silvello@sou.unicruz.edu.br

<sup>2</sup> Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação - GEPELC, Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br



O livro é dividido em capítulos que contam as histórias dos personagens principais da trama, que formam a “mitologia” da cidade fictícia de Santa Fé, onde se refletem os acontecimentos da política, economia e cultura gaúcha. A edição escolhida para ser analisada foi a do ano de 2004, lançada pela Companhia das Letras, na qual os livros foram divididos, e o que era uma trilogia, se transformou em sete livros, no caso, *O Continente* foi dividido em Volume 1 e 2, sendo, nesta pesquisa, trabalhado o Volume 1, com ênfase nos capítulos Ana Terra e Um Certo Capitão Rodrigo.

*O Tempo e o Vento* é uma obra que retrata a formação do estado do Rio Grande do Sul, em forma de romance. Seu primeiro livro, *O Continente*, aborda os acontecimentos da formação social do estado gaúcho, suas batalhas e a difícil vida que os primeiros habitantes do estado enfrentavam.

O livro é formado por diversos capítulos que funcionam como novelas individuais, sua aglutinação se dá por meio dos eventos históricos que permeiam estas novelas. A região de Santa Fé serve como palco principal para os eventos de todo o romance, sendo que o livro narra a sua origem e formação como cidade.

Narrado em terceira pessoa, a obra apresenta uma linguagem tradicional pontuada por com alguns regionalismos. A linearidade no texto se altera apenas nos capítulos do *Sobrado* que, cronologicamente, se passam depois dos acontecimentos dos demais capítulos. O *Sobrado* é dividido em sete fragmentos, espalhados pelo primeiro livro da trilogia (na edição de 2004 são sete livros, sendo Continente I e II), cria-se assim alternância entre as linhas temporais.

O capítulo de Ana Terra corresponde a um espaço de tempo entre 1777 e 1811. A família de Ana Terra vem de Sorocaba, no interior do estado de São Paulo, para o Rio Grande do Sul, onde o pai de Ana, Maneco Terra, tem a esperança de melhorar de vida através da terra, “[...] ninguém sabia ler e, mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio” (VERÍSSIMO, 2010, p. 102).

O capítulo apresenta a ocupação do estado através da concessão de “sesmarias” de terras a produtores dos mais diversos estados do Brasil, ainda apresenta a difícil vida que os personagens levam neste solo. O capítulo apresenta os afazeres femininos quase tão “pesados” quanto os masculinos, se não mais.

Ana Terra, então com 25 anos, vê a vida que sua mãe leva e não deseja o mesmo para ela, para a personagem o Rio Grande do Sul representa um lugar em que “o nada existe”, além do medo, do trabalho e da solidão. Ana perguntava-se “Como é que ia arranjar marido? Nem no Rio Pardo o Maneco concedia que ela fosse. Dizia que mulher era feita para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar” (VERÍSSIMO, 2010, p. 108). A vida da família, porém, é alterada, quando a personagem encontra um índio desmaiado a beira da sanga, Pedro Missioneiro.

O terceiro capítulo cronológico do livro nos lança no ano de 1828, nas tensões pré-guerra dos farrapos. O capitão Rodrigo Cambará, chega montado em seu cavalo, com um violão preso às costas, espada na cintura. Sua chegada é anunciada com a marcante frase: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (VERÍSSIMO, 2005,



p. 209). O capitão é um homem sem destino certo, amante da liberdade, que de repente se vê apaixonado por Bibiana Terra, poucos dias após chegar a Santa Fé. O amor entre os dois e as disputas políticas assinala o ritmo do capítulo.

Nos filmes somos apresentados a duas versões de cada personagem principal, Ana Terra e Capitão Rodrigo, considerando os quarenta e dois anos de distância entre as duas produções cinematográficas, há duas interpretações diferentes de uma mesma história.

Ao se estabelecer uma comparação entre a obra literária e a película cinematográfica, podemos analisar semelhanças e diferenças na representação destes dois personagens marcantes da obra de Érico Veríssimo

A diferença entre estas duas formas de representação da mesma história indica interpretações diferentes dos personagens, dependendo do ponto de vista que os produtores queiram passar, uma vez que cada filme faz um recorte da obra literária. “Ainda que pautados nas obras literárias, os diretores imprimem, na película sua crença, seus objetivos e sua estilística” (CURADO, 2007, p.2).

Em *O Tempo e o Vento*, de 2013, temos um filme de aproximadamente duas horas e sete minutos. A estrutura narrativa da película busca ser a mesma do livro, começando com o capítulo do *Sobrado*. No entanto, o filme coloca, ao invés de usar um narrador em terceira pessoa, um personagem como narrador.

Bibiana Terra Cambará, já idosa, é apresentada como personagem narradora da história, contando suas memórias para o espírito de seu falecido esposo, Rodrigo Cambará. Aqui, nota-se a primeira grande mudança em relação ao livro, a transferência do estilo de narração em terceira pessoa, para um personagem narrando. Essa alteração faz com que em algumas cenas haja uma interferência de Bibiana, colocando suas observações acerca do que ocorre em tela, coisa que no livro não acontece.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Em *O continente*, de Érico Veríssimo, Ana Terra é apresentada como uma mulher forte, matriarca dos Terra-Cambará e, embora submissa ao pai e irmãos, no silêncio de seus afazeres, revela-se forte e é ela que garante a sobrevivência do filho Pedro Terra, fruto do envolvimento com o índio Pedro Missioneiro, sobrevivendo ao ataque dos castelhanos que vitimou sua família.

Na representação cinematográfica de 1971, capitão Rodrigo acaba por ser uma pessoa sem profundidade, levada por seus instintos, agindo como um verdadeiro animal. Percebe-se que não há uma transformação acontecendo durante a narrativa, que levasse Rodrigo a se modificar.

No romance, percebe-se que, pela passagem de personagens, que, mesmo sem falas ou cenas significativas na obra original, acabam por transformar Rodrigo, como é o caso de sua filha Anita. Nesse episódio, o capitão opta por lá permanecer, deixando a esposa Bibiana na



angústia de ver o agravamento do estado de saúde da filha, que veio a falecer, sem a presença do pai.

Já na película de 2013, o diretor se manteve de certa forma fiel ao livro, retratando Ana Terra e Rodrigo da forma com que Veríssimo escreveu na obra original. O filme toma a liberdade de modificar a estrutura de narração, visando adaptá-la ao cinema, e dá destaque ao casal Bibiana e Rodrigo, que contam a história para os espectadores.

Como se percebe, a obra literária e a obra cinematográfica são artes diferentes, com tessituras diferentes, que se complementam e permitem ao leitor e espectador uma percepção interdisciplinar, cada uma com suas peculiaridades próprias e sua grandeza.

## REFERÊNCIAS

CURADO, Maria Eugênia. Literatura e Cinema: Adaptação, Tradução, Diálogo, Correspondência ou Transformação?. **Revista Temporis** [ação] (ISSN 2317-5516), v. 1, n. 9, p. 88-102, 2017

VERISSIMO, Erico. **O continente**. (vol. I). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.